

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque (em vermelho) : Matérias que citam o ministro Wellington Moreira Franco ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	1
Título: Cacoetes estatistas	1
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	3
Título: » Meu aval.....	3
Título: Varejo cresce bem acima das projeções.....	3
Título: A biomassa de cana quebra paradigmas	4
Título: O 'Davi' que tirou a vaga de Jucá	5

VEÍCULO: Folha de S. Paulo
Data: 13/10/2018
Seção: Editorial
Autor:
Título: Cacoetes estatistas

Bolsonaro dá novas mostras de resistência à venda de estatais, o que causa desconfiança quanto à solidez de sua plataforma de governo liberalizante

Se já havia dúvida quanto à sinceridade da súbita conversão de Jair Bolsonaro (PSL) ao liberalismo econômico, o próprio presidenciável tratou de reforçá-la com suas mais recentes declarações acerca da venda de empresas estatais.

O capitão reformado disse discordar da privatização na área de geração de energia elétrica, além de pretender preservar o controle do que chamou de

"miolo" da Petrobras — referência ao segmento de pesquisa e extração de petróleo.

Reafirmou, além disso, sua conhecida aversão à presença de empresas chinesas no país, o que considera um risco estratégico.

A sinalização de descompasso, ao menos em parte, com a plataforma liberalizante de seu economista, Paulo Guedes, repercutiu de imediato no mercado financeiro.

Na quarta-feira (10), despencaram os preços das ações de estatais, interrompendo uma trajetória de alta que estava ligada, justamente, à ascensão de Bolsonaro nas pesquisas e sua surpreendente votação no primeiro turno.

Bolsonaro aparentou desconhecer até que a Eletrobras já passa hoje em dia por um processo de ajustes visando uma nova estratégia de privatização.

Segundo o plano, elaborado pelo governo Michel Temer (MDB), haverá um aumento de capital da empresa — após uma etapa de saneamento financeiro e recuperação da capacidade de investimento. Com a venda de novas ações no mercado, a União perderia a participação atual, mas manteria certas prerrogativas na administração.

Não está claro se tal modelo, que não envolve controle por nenhum grupo, local ou estrangeiro, conta com a aprovação do candidato. Apostas de analistas a esse respeito ficam em suspenso por ora.

No caso da Petrobras, ao menos, Bolsonaro se aproxima mais da racionalidade. Aceita manter o rumo de abertura da exploração para outras companhias, dada a limitação de recursos da estatal, e não aparenta se opor à abertura do mercado de refino e do gás natural.

O presidenciável também já se comprometeu a não privatizar o Banco do Brasil ou a Caixa Econômica Federal. Das 144 empresas federais, Petrobras, Eletrobras, BB, CEF e suas subsidiárias respondem por 97.0 restante tem modesta importância financeira.

Há alguns meses, o assessor econômico de Bolsonaro sugeria arrecadar até R\$ 1 trilhão com vendas de ativos para abater a dívida pública — quantia vista como inviável mesmo antes de o capitão reformado dar novas mostras de suas inclinações estatistas.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data:** 13/10/2018**Seção:** Colunas**Autor:** Andreza Matais**Título:** » Meu aval.

Coluna do Estadão

Na véspera de liberar o MDB no 2.º turno, o senador Romero Jucá jantou no Palácio do Jaburu com o presidente Michel Temer e os ministros Eliseu Padilha, **Moreira Franco** e Carlos Marun.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data:** 13/10/2018**Seção:** Editorial**Autor:****Título:** Varejo cresce bem acima das projeções

O crescimento de 1,3% das vendas do comércio varejista entre julho e agosto superou as projeções das consultorias econômicas. No varejo ampliado, que inclui veículos, motos, partes e peças e materiais de construção, o avanço livre da sazonalidade foi de 4,2%. Resta indagar se será mantida a tendência histórica de melhora do varejo no último trimestre do ano, mas há sinais positivos para o comércio e para o conjunto da economia. A recuperação do varejo entre julho e agosto foi disseminada, alcançando não apenas os principais mercados do País, mas 23 das 27 unidades objeto da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Só no Amapá, no Piauí e em Roraima houve declínio das vendas no período. As maiores altas ocorreram na Paraíba (+7,5%), no Acre (+7,1%) e em Minas Gerais (+5,5%).

Segundo especialistas, o varejo foi beneficiado pelo crescimento real da renda dos trabalhadores e pela melhora do mercado de trabalho. Falta saber se as pressões inflacionárias recentes poderão prejudicar o comportamento do varejo nos próximos meses. A alta dos preços de combustíveis, energia elétrica e itens importados obrigará os consumidores a optar entre manter ou reduzir o consumo desses itens, deixando mais recursos para outros itens. Aumentaram, entre julho e agosto, as vendas de todos os itens, com a exceção de livros, jornais, revistas e papelaria. Taxas mais altas de crescimento ocorreram em tecidos, vestuário e calçados, veículos e material de construção. Entre agosto de 2017 e agosto de 2018, o comércio varejista restrito cresceu 4,1%, puxado por hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+5,5%).

Este foi o item que mais pesou na pesquisa, também influenciada positivamente por outros artigos de uso pessoal e doméstico e por artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos. Pelo mesmo critério de avaliação, a taxa positiva foi a 16.^a consecutiva mensal. Emprego e arrecadação crescentes já vinham contribuindo para a melhora das expectativas. No final de ano, datas relevantes para o varejo, como o Dia da Criança, a chamada Black Friday, que marca as liquidações, e o Natal poderão ajudar a recuperação não só da atividade comercial, mas da economia como um todo.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 13/10/2018

Seção: Opinião

Autor: Elizabeth Farina e Zilmar de Souza

Título: A biomassa de cana quebra paradigmas

O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (Cbie), escreveu neste jornal, em 14 de julho, um excelente artigo intitulado A solução 3D para o setor de energia. Mencionou, então, que a disseminação do uso da energia solar quebrará paradigmas quanto aos papéis de produtores e consumidores, sendo uma solução de geração distribuída “3D”, em linha com a necessidade de descarbonizar, descentralizar e digitalizar o sistema elétrico nacional. São grandes os desafios para a difusão da energia solar no Brasil, entre eles o avanço na regulamentação para o incentivo à figura do prosumer, termo originado do inglês da junção de producer (produtor) e consumer (consumidor). Neste item, vale lembrar o pioneirismo que a cana-de-açúcar tem no segmento elétrico com o desenvolvimento de unidades autossuficientes em energia, compartilhando grandes excedentes de geração para a rede há mais de 30 anos.

Em 1987, a Usina São Francisco, em Sertãozinho (SP), foi a primeira a exportar eletricidade de uma fonte 100% renovável (bagaço da cana) para a Companhia Paulista de Força e Luz, e foi seguida pela Usina São Martinho, em Pradópolis (SP), e pela Vale do Rosário, em Morro Agudo (SP). À época, os desafios foram enormes. Os esforços dos agentes públicos e o pioneirismo dessas três usinas obtiveram êxito e abriram caminhos para um produto hoje protagonista na matriz elétrica brasileira. Atualmente, são mais de 200 usinas produzindo excedentes de bioeletricidade da cana, ofertando 21,4 terawatt- hora (TWh) para a rede em 2017. A bioeletricidade está aderente com a solução 3D mencionada pelo professor Adriano Pires.

Vejamos: Descarbonização. Os 21,4 TWh de bioeletricidade ofertados pela cana em 2017 evitaram a emissão de 7,5 milhões de tCO₂, marca que, em ordem de grandeza, somente seria atingida com o cultivo e manutenção, por 20 anos, de

53 milhões de árvores nativas. Descentralização. 89% da geração pela biomassa para a rede em 2017 esteve concentrada em apenas cinco Estados do País: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e Paraná, na região Centro-Sul, que concentra submercados responsáveis por 75,5% do consumo. Ou seja, investir na geração da biomassa é garantir a expansão da geração descentralizada, distribuída e próxima aos grandes centros consumidores do País.

Digitalização. A experiência trazida pela bioeletricidade acelerou a discussão sobre o desenvolvimento de redes inteligentes de distribuição de energia, que são capazes de receber grandes excedentes das usinas sucroenergéticas. Além disso, a bioeletricidade não é considerada uma fonte intermitente. No estrito senso do conceito de recurso energético e pela sua maior previsibilidade/confiabilidade, é uma fonte sazonal, assim como a hidrelétrica. Isso significa que aproveitar o potencial da bioeletricidade ajudará, também, na expansão de fontes intermitentes, como as energias solar e eólica, coirmãs da bioeletricidade em termos de sustentabilidade para o sistema elétrico brasileiro.

Atualmente, o potencial técnico da bioeletricidade sucroenergética para a rede é aproveitado em somente 15% de seu total. Em 2017, essa fonte poderia ter gerado sete vezes mais em comparação ao que foi gerado ou algo como quase quatro Usinas Hidrelétricas de Belo Monte. Portanto, existem grandes oportunidades para esta fonte abundante nos canaviais brasileiros. Temos de lembrar sempre que, no conjunto de energias renováveis, alternativas, sustentáveis e complementares à hidreletricidade, a biomassa desempenha um papel importante e precisa ser valorizada.

SÃO, RESPECTIVAMENTE, PRESIDENTE EXECUTIVA E GERENTE DE BIOELETRICIDADE DA UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA)

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 13/10/2018

Seção: Política

Autor: Lorena Rodrigues Lu Aiko Otta / BRASÍLIA

Título: O 'Davi' que tirou a vaga de Jucá

Mecias de Jesus (PRB) venceu por 426 votos

“Foi uma disputa de David contra Golias”, compara Mecias de Jesus (PRB), de 56 anos, senador eleito por Roraima que, por 426 votos, deixou Romero Jucá, presidente do MDB, fora da Casa que ocupava desde 1995. Em entrevista ao Estadão/Broadcast, ele disse que quer mudar a lei de imigração, defendeu a redução da maioria penal e a flexibilização da posse de arma.

Maranhense, Jesus foi deputado estadual por Roraima por cinco mandatos e presidente da Assembleia Legislativa do Estado por oito anos. É pai do deputado federal Jhonatan de Jesus (PRB-RR). Ele disse que não quer ser conhecido como o homem que derrotou Jucá, mas não perde a chance de atacá-lo. Jesus chegou a liderar as pesquisas de intenção de voto no Estado, mas a divulgação de um vídeo de campanha em que o candidato à Presidência Jair Bolsonaro (PSL) pedia votos para o candidato Chico Rodrigues (DEM) acabou alavancando sua candidatura.

Rodrigues, que era da mesma chapa de Jucá, terminou em primeiro na disputa, com 22,7% dos votos válidos. Jesus obteve 17,4%. Ajuda. Durante a campanha, Jesus teve a ajuda do ministro da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Marcos Jorge, também filiado ao PRB, que passou duas semanas em campanha para seu correligionário. A participação do ministro irritou Jucá. Na campanha, o emedebista repetia que “Roraima tem um ministro” e cobrava a instalação de indústrias no Estado.

Jorge rebatia, dizendo que a insegurança no suprimento de energia elétrica afastava os investimentos da região. Único Estado fora do sistema integrado de energia elétrica, Roraima depende da **hidrelétrica de Guri**, na Venezuela, e da geração térmica. Todos os dias ocorrem apagões no Estado. Para entrar na rede, o Estado depende da construção de uma linha de transmissão entre Manaus e Boa Vista, que não saiu do papel porque o licenciamento ambiental não foi dado, pelo fato de um trecho de cerca de 100 quilômetros dela passar sobre terras de indígenas waimiri-atroari.

O questionamento foi levantado pelo Ministério Público. Poderoso e próximo da cúpula do poder federal, Jucá foi apontado nas campanhas como o responsável pela falta da obra. Ele próprio atribuiu sua derrota, em parte, à ação do MP. O novo senador é réu em pelo menos três ações resultantes da Operação Gafanhoto, que investigou mais de 40 pessoas suspeitas de incluir funcionários fantasmas na folha do Estado.

Jesus disse que o caso foi armado por seus adversários políticos e que não há nenhum depoimento contra ele nos autos.

MME / ASCOM .